

# O que é isso, a Filosofia?

## A visão de um teólogo amador da filosofia<sup>2</sup>

---

### Introdução:

Acredito que Pitágoras em sua modéstia, matizando a palavra *filósofo* jamais imaginaria que a nova expressão ganharia tão ricos e variados significados, estando ainda a ser discutida, com muito boa saúde, em pleno século XXI.

Segundo tradição preservada por Cícero (106-43 a.C.) e Diógenes Laércio (3º séc. dC.),<sup>3</sup> foi Pitágoras (VI-V séc. a.C.) quem atribuiu o "título" de "filósofo" a si mesmo. Quando o príncipe Leonte perguntou a Pitágoras em que arte era versado, respondeu-lhe que em nenhuma. Era filósofo. Ainda segundo Cícero, Pitágoras achava por demais pretensiosa a denominação de Σοφός, preferindo substituí-la por Φιλόσοφος, passando então, a usá-la para si.<sup>4</sup>

Este sentido ético e religioso seria também encontrado em Sócrates (469-399 a.C.).<sup>5</sup> Platão (427-347 a.C.) e Sócrates (469-399 a.C.) contrastam a Φιλοσοφία com a Σοφία:<sup>6</sup> Esta que é a sabedoria perfeita, pertence somente a Deus; os homens, são apenas Φιλόσοφος, amantes da sabedoria.<sup>7</sup>

---

<sup>2</sup> *Palavra na abertura do IV Congresso Internacional de Ética e Cidadania, intitulado Filosofia e Cristianismo, realizado no período de 21 a 23 de outubro de 2008 na Universidade Presbiteriana Mackenzie, promovido pela Chancelaria e Escola Superior de Teologia da UPM.*

<sup>3</sup> Cícero, *Tusculanae Disputationes*, V.3, 8-9 e Diógenes Laércio, *A Vida de los Filósofos mas Ilustres*, Buenos Aires: El Ateneo, (1947), I.8. p. 24-25.

<sup>4</sup> Esta versão que é preservada por Cícero e Diógenes Laércio, ampara-se numa obra – “*Da Intercção da Respiração*” –, hoje perdida, de Heráclides de Ponto (c 390-310 a.C.), antigo discípulo de Platão (Vd. Diógenes Laércio, *A Vida de los Filósofos mas Ilustres*, I.8. p. 24-25). Todavia, duvida-se da confiabilidade deste registro (Cf. *Filósofo*: In: André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 407-408). Veja-se também: F.E. Peters, *Termos Filosóficos Gregos: Um Léxico Histórico*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1983), p. 187-188.

<sup>5</sup> Vd. Platão, *Fédon*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. III), 62c-69e. p. 69-78.

<sup>6</sup> Por outro lado, Platão identifica a σοφία com a ἐπιστήμη. Vd. Platão, *Teeteto*, Belém. Universidade Federal do Pará, 1988, 145e. p. 7.

<sup>7</sup> “Chamá-los sábios (σοφός), Fedro, me parece excessivo e só aplicável a um deus; mas o nome filósofo (φιλόσοφο) ou um epíteto semelhante lhes caberia melhor e seria mais apropriado” (Platão, *Fedro*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Diálogos I), (s.d.), 278d. p. 267).

## 1. A Importância e dificuldade da definição:

Definir, segundo o sentido etimológico<sup>8</sup> é *delimitar*. A definição procura determinar a compreensão da idéia,<sup>9</sup> circunscrevendo a sua abrangência, indicando todos os seus elementos constitutivos. Como todo conceito possui um conteúdo, a definição nada mais é do que a determinação da natureza deste conteúdo.

Do ponto de vista lógico, a idéia é igual a sua definição. A definição lógica consiste de fato em delimitar exatamente a compreensão de um objeto, ou, em outros termos, em dizer o que uma coisa é. Daí o princípio: "A definição é a noção desenvolvida e (...) a noção é a definição condensada."<sup>10</sup>

A definição se propõe a nos fazer ver com maior clareza o assunto do qual tratamos. A "indefinição" acarreta uma série de omissões e equívocos, justamente por não termos claro diante de nós o objeto do qual estamos tratando ou, em que sentido nos aproximamos de cada idéia.

Aristóteles (384-322 a.C.) sem muito nos ajudar nesta empreitada, afirma que "*uma definição é uma frase que significa a essência de uma coisa*".<sup>11</sup> No mesmo dia-pásão, escreveria Espinosa (1632-1677): "*A verdadeira definição de cada coisa não envolve nem exprime senão a natureza da coisa definida*."<sup>12</sup>

Condillac (1715-1780), com muito boa vontade, assim expressou esta questão: "A necessidade de definir é apenas a necessidade de ver as coisas sobre as quais se quer raciocinar e, se fosse possível ver sem definir, as definições se tornariam inúteis."<sup>13</sup>

Heráclito (c. 544-484 a.C.), alcunhado maldosamente de "obscuro", escreve com clareza no fragmento 35: "Χρητὴ γὰρ εἶναι μάλα πολλῶν ἱστορίας φιλοσόφους ἀνδρᾶς εἶναι (καθ' Ἡράκλειτον)" ("Homens que amam a sabedoria (φιλο-

<sup>8</sup> As palavras gregas correspondentes são: ὅρος = "termo", "limite" e ὀρισμός = "delimitação", "acordo", "tratado".

<sup>9</sup> É a "expansão do conceito essencial das coisas.". "Definição é uma oração que manifesta a natureza de uma coisa ou de um termo" (Ernesto Dann Obregón, *Lógica*, 4ª ed. Santa Fé: Libreria y Editorial Castellví, [1951], p. 89 e 90.

<sup>10</sup> L. Liard, *Lógica*, 9ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, p. 25.

<sup>11</sup> Aristóteles, *Tópicos*, São Paulo: 5 Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. IV), 1973, I.5. p. 13

<sup>12</sup> B. Espinosa, *Ética*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVII), 1973, I.8. p. 91.

<sup>13</sup> E.B. de Condillac, *Lógica ou Os Primeiros Desenvolvimentos da Arte de Pensar*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. 27), 1973, p. 121. "Uma boa definição deve ser concisa, ou seja, expor o conceito que se trata de definir com toda precisão e de um modo completo, no menor número de palavras. A definição descreve o significado de uma determinada palavra, usada para designar um determinado fenômeno. Na definição deve ficar inscrito, incluído o fenômeno em sua totalidade. Se permanecem fora dela partes essenciais do fenômeno, a definição não é boa. Por outro lado, uma definição não precisa entrar em detalhes" [Johan Huizinga, *El Concepto de la Historia y Otros Ensayos*, 4ª reimpresión, México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 87].

σόφους) precisam ter muitos conhecimentos").<sup>14</sup>

Como se já não bastassem estas dificuldades para um teólogo amador de filosofia, nos deparamos com o filósofo alemão Ernest Cassirer (1874-1945) a nos falar sobre o estigma da mediatez da linguagem que encobre e empobrece o objeto...<sup>15</sup>

Deixe-me então falar do meu amor pela filosofia. Peço licença aos profissionais; a profissão pode matar o amor, por isso, contento-me com a condição de amador. Tenham ouvidos benignos – por pouco tempo, eu prometo –, para com este apaixonado.

## 2. A Filosofia da Filosofia:

O preconceito com a Filosofia pode ser um empecilho a nos valer de suas contribuições. Vygotsky (1896-1934), prefaciando a tradução das duas primeiras obras de Piaget (1896-1980) publicadas na Rússia, a certa altura, diz: "A recusa deliberada da filosofia já é em si mesma, uma filosofia - e uma filosofia que pode envolver os seus proponentes em muitas contradições".<sup>16</sup>

O filosofar está presente de forma evidente nas encruzilhadas das opções ou, diante da sensação de vazio deixada pelas oportunidades que nos escaparam ou, que, de fato, nunca existiram... Seja como for, a filosofia está sempre a caminho, em busca de respostas...

Por isso, a filosofia é um ato humano, limitado, apesar de audacioso. O filósofo trabalha com a integração do Eu-Mundo-Outro, buscando uma compreensão do ente em si e de suas correlações essenciais e circunstanciais.

Filosofar é ter consciência de que estamos de forma imperativa e incondicional, em busca de respostas, tentando interpretar e explicar os fenômenos. "Filosofia, é dar a razão das coisas, ou pelo menos procurá-la; porque enquanto se se limita a ver e contar o que vê, não se sai da história (...) aquele que se detém

---

<sup>14</sup> Mesmo o composto "φιλοσοφία" não sendo encontrado anteriormente, a literatura demonstra outras conjugações com a palavra φίλος [Cf. Otto Michel, *φιλοσοφία*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. IX, p. 173].

<sup>15</sup> "... Nenhum processo mental chega a captar a realidade em si, já que, para poder representá-la, para poder, de algum modo, retê-la tem de socorrer-se do signo, do símbolo. E todo o simbolismo esconde em si o estigma da mediatez, o que o obriga a encobrir quanto pretende manifestar. Assim, os sons da linguagem esforçam-se por 'expressar' o acontecer subjetivo e objetivo, o mundo 'interno' e 'externo'; porém, o que captam não é a vida e a plenitude individual da própria existência, mas apenas abreviatura morta. Toda essa 'denotação', que as palavras ditas pretendem dar, não vai, realmente, mais longe que a simples 'alusão'; alusão que parecerá mesquinha e vazia, frente à concreta multiplicidade e totalidade da experiência real" (Ernest Cassirer, *Linguagem, Mito e Religião*, Porto: Rés-Editora, (s.d.), p. 11-12).

<sup>16</sup> L.S. Vygotsky, *Pensamento e Linguagem*, São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 18.

a descobrir a razão que faz com que as coisas sejam, e que sejam desta e não daquela maneira, é que é o filósofo propriamente dito".<sup>17</sup>

Filosofar é um ato de ignorância consciente; por isso, é que a busca de respostas, é o resultado da ignorância não-conformada: sabedora de si, mas, concomitantemente, insatisfeita consigo mesma e, que justamente por isso, busca de forma criativa as soluções, as quais, por sua vez, nos conduzem a novos problemas, que nos despertam para a procura de novas soluções. Daí, a dialética – o "equilíbrio dinâmico" –, do saber-ignorância, observada em 1952, por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): "O que caracteriza o filósofo é o movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e um certo repouso neste movimento".<sup>18</sup>

O filosofar é um ato concreto, real, inserido na cotidianidade, não é "desligamento" da realidade, criando um mundo ideal, uma "utopia", vida "privada"; mas sim, intersubjetividade, que envolve um relacionamento conosco, com o mundo e com O Outro, numa tentativa humana de conhecer, interpretar e agir no mundo.

Thomas R. Giles observa bem este ponto:

"Dentro dessa perspectiva, o filósofo evitará qualquer tentativa de refugiar-se num mundo ideal, antes de toda e qualquer reflexão, a existência proíbe que ela própria seja absorvida pela reflexão ou que seja considerada como simples projeção do pensamento".<sup>19</sup>

O filosofar é uma luta contínua contra a mistificação e a ideologia; tendo o seu discurso uma conotação histórica, sem, contudo, ser determinado de forma condizente pelo *modus majorum* ou, pelo *modus vivendi* e *modus faciendi* contemporâneos. Neste sentido, o filósofo se assemelha ao profeta – aliás, nos quais temos grandes modelos no Antigo Testamento –, que analisa criticamente a realidade histórica, buscando o seu sentido em suas inter-relações causais, e proclama a sua compreensão da verdade factual e denuncia o seu erro, propondo a busca de novas soluções que, em determinados momentos, poderão ser encontradas em remédios antigos, tendo sempre em mente que ele, filósofo, como homem que é, não é proprietário da verdade, mas, que como filósofo que também é, está a caminho...

Os filósofos cristãos tem uma responsabilidade ainda maior, visto que têm a consciência de que a verdade tem sempre uma implicação existencial. Neste aspecto concordamos com as observações de William Barclay (1907-1978), ao dizer que:

"Para o cristão a verdade nunca é, somente, uma verdade intelectual; a verdade é sempre verdade moral; não se trata de uma coisa que só exercite a mente, senão de algo que põe em marcha toda a personali-

---

<sup>17</sup> Filosofia: In: *Enciclopédia Francesa*, (*A Enciclopédia: Textos Escolhidos*), Lisboa: Editorial Estampa, 1974, p. 77.

<sup>18</sup> M. Merleau-Ponty, *Elogio da Filosofia*, 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, (1979), p. 11.

<sup>19</sup> Thomas R. Giles, *Introdução à Filosofia*, São Paulo: E.P.U./EDUSP. 1979, p. 4.

de. A verdade não é o descobrimento de uma verdade abstrata; é uma maneira concreta de viver. Não só é pensamento, também é atividade".<sup>20</sup>

"Para o cristão a verdade é algo que primeiro deve descobrir-se, e logo obedecer-se".<sup>21</sup>

O filósofo está comprometido única e invariavelmente com a verdade. Este comprometimento existencial deve ser a própria realidade "ôntica" da Filosofia. Desta forma, a sua existência é o atestado ou não da Filosofia. O "filosofar" que não se coadune com a realidade essencial da Filosofia, não merece este nome. Por isso, o filósofo deve rejeitar os seus preconceitos, os acordos silenciosos e as pretensas verdades estabelecidas que, com freqüência, são sustentadas com o fim de favorecer às ideologias e/ou manter o "status quo". Um "filósofo" domesticado desconhece o sentido da Filosofia; e, na realidade, elegeu um outro senhor. A verdade enquanto verdade verdadeira foi esquecida.

Filosofar não significa – como poderá parecer ao jovem estudante –, um espírito de rebeldia, mas sim um espírito de inquietação, grávido do desejo de conhecer, interpretar e avaliar, tentando ter uma compreensão abrangente da realidade, por meio dos fragmentos com os quais nos deparamos, tentando, como já observamos, ter uma visão do todo, para que as nossas conclusões não sejam, já de início associadas.

O filósofo W.C. Young, faz uma analogia interessante; ele diz:

"O homem é uma criatura de muitas e mui variadas experiências. Cada experiência em si não é mais do que um fragmento, uma peça no quebra-cabeça da vida. Se se deixam de usar algumas peças o quadro não se completa. Filosofar é simplesmente tratar de integrar no mesmo as experiências de sua própria vida. Logo, todo ser racional é filósofo. O fracasso na integração da própria vida é causa de muitas perturbações intelectuais e emocionais que afetam a personalidade humana. Um ser racional não pode viver num mundo de inconsistências; é necessário que integre suas muitas experiências até formar um quadro unificado, do contrário ocorre o perigo de negar o ideal de uma vida natural e razoável".<sup>22</sup>

### 3. O Espírito Filosófico:

O que caracteriza a verdadeira filosofia, não é um conteúdo, mas sim, um espírito

---

<sup>20</sup> William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, (I,II,III Juan y Judas), Buenos Aires: La Aurora, 1974, Vol. 15, p. 38. O nosso papel adquire uma conotação ainda mais contundente, se estiver certa a observação do psicanalista Rollo May, de que, "O homem moderno perdeu em grande parte a capacidade de crer e afirmar qualquer valor" (Rollo May, *O Homem à Procura de Si Mesmo*, 5ª ed. Petrópolis. RJ.: Vozes, 1976, p. 176.

<sup>21</sup> W. Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, (I,II,III Juan y Judas), Vol. 15, p. 39.

<sup>22</sup> Warren C. Young, *Un Enfoque Cristiano a la Filosofia*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (s.d.), p. 17.

de busca, que, insatisfeito com o limite da ignorância, se aventura numa procura perene por respostas "essenciais". Com isto, não pretendemos desvalorizar a Filosofia, e, menos ainda desprestigiá-la; antes, o que queremos é reconhecê-la na amplitude e no limite de sua própria essência.

Alfred J. Ayer (1910-1989), em 1973, concluiu uma de suas obras, com as seguintes palavras:

"Temos visto que o mundo não pode ser determinado a partir de nossa maneira de concebê-lo: mas nossa concepção do mundo é algo que a Filosofia pode ajudar a mudar. Mesmo assim, essa não é a fonte de seu encanto para a maioria daqueles que a praticam. Para eles, o valor da Filosofia consiste no interesse das questões que ela levanta e no êxito que ela alcança ao respondê-las".<sup>23</sup>

As observações de Heidegger (1889-1976), também parecem-nos importante aqui:

"A Filosofia vai transformar-se em uma técnica de explicação pelas causas últimas. Não mais se pensa; a gente se ocupa com 'Filosofia'. (...) Já é tempo de desacostumar-se de supervalorizar a Filosofia e de, por isso, lhe vir com exigências demasiadas. Na presente indigência do mundo, é necessário: menos Filosofia, mas mais desvelo do pensar; menos literatura, e mais cultivo da letra."<sup>24</sup>

Filosofia mais do que um conhecimento abstrato ou etéreo – como muitos julgam –, é essencialmente um método ou um espírito de lidar com a experiência. Como o desejo de conhecer é natural a todo homem,<sup>25</sup> podemos dizer que o homem, por sua própria natureza é um filósofo, quer queira quer não, tenha consciência disso, ou não.<sup>26</sup>

O espírito Filosófico se caracteriza por uma busca incessante pela verdade. Acontece que, a Filosofia não é somente conclusão; nós chegamos às conclusões – na maioria das vezes provisórias –, por meio dos "porquês". E estas ilações não devem nem podem ser gratuitas: É preciso poder justificá-las. Este ponto faz a diferença fundamental entre o conhecimento filosófico, e o conhecimento vulgar. Normalmente os homens nutrem uma série de "certezas" e "absolutos", sem, contudo poder explicar as suas convicções ou, sequer terem tido o cuidado de indagá-las.

O espírito filosófico faz com que desejemos chegar às verdades últimas, coordenando e interpretando os fatos, mantendo uma visão crítica da realidade, que não

---

<sup>23</sup> A.J. Ayer, *As Questões Centrais da Filosofia*, Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 280.

<sup>24</sup> Martin Heidegger, *Sobre o "Humanismo"*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XLV), 1973, p. 349, 373.

<sup>25</sup> Aristóteles, *Metafísica*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. IV), 1973, l.1. p. 211. Vd. também, João Calvino, *As Institutas*, II.2.12.

<sup>26</sup> Vd. J.M. Bochenski, *Diretrizes do Pensamento filosófico*, 2ª ed. São Paulo: Herder, 1964, p. 31.

nos permita aceitar precipitadamente os "fatos" como nos chegam, procurando refletir e analisá-los.

O espírito filosófico faz com que alimentemos idéias coordenadas, procurando raciocinar de forma lógica, sem uma acomodação naquilo que nos parece mais fácil, pelo simples motivo de estarmos desinteressados pela busca da verdade. A acomodação intelectual é uma negação da Filosofia.

Neste processo de busca, um dos perigos para o filósofo é a racionalização – a tentativa de justificar algum desejo ou crença preexistente, cuja força está não nas evidências, mas sim nas nossas emoções, desejos, preconceitos, etc. –. A racionalização impede o exame objetivo de nossas crenças, nos conduzindo às certezas já divinizadas pelos nossos desejos.

Dentro da mesma linha de raciocínio, escreveu Miguel de Unamuno (1864-1936): "Não há nada que não deva examinar-se (...). O crente que resiste a examinar os fundamentos de sua crença é um homem que vive em insinceridade e em mentira".<sup>27</sup>

## Considerações Finais:

Concluindo, podemos observar, que dentro de uma perspectiva cristã, o espírito filosófico se caracteriza pela busca da verdade, confiando na sua capacidade racional, mas, ao mesmo tempo, nunca descansando em suas conclusões, antes as sujeitando sempre a uma análise e reflexão. A força daquilo que cremos, está não na fortaleza de nossa confiança, mas sim na sua veracidade. Por isso, se estamos à procura da verdade, de fato, não podemos temer o exame criterioso do que cremos. Temer refletir significa duvidar daquilo que acreditamos. O espírito filosófico é aquele que está sempre a caminho, é um transeunte atento e crítico, cujo compromisso, é com a busca da verdade.

O fato é que como cristãos, não podemos nem pensar em deixar de pensar. Fazendo eco a Degérando (1772-1842), podemos dizer que o agir está para o corpo como o pensar para o espírito.<sup>28</sup> E é pelo pensar que alavancamos a realidade; precisamos dominar esta técnica para bem conduzir o nosso pensamento.<sup>29</sup> Daí a importância de um pensamento lógico e sistemático.

---

<sup>27</sup> Miguel de Unamuno, *Mi Religión y Otros Ensayos Breves*, Madri: Biblioteca Renacimiento, 1910, p. 26

<sup>28</sup> Veja-se: Marie-Joseph Degérando, *Dos Signos e da Arte de Pensar: Considerações em Mútuas Relações*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXVII), 1973, p. 338.

<sup>29</sup> Inspiro-me aqui em Condillac (1715-1780): "Ora, como a arte de mover grandes massas tem suas leis nas faculdades do corpo e nas alavancas que nossos braços aprenderam a utilizar, a arte de pensar tem as suas leis nas faculdades da alma e nas alavancas que nosso espírito igualmente aprendeu a utilizar. É preciso, então, observar estas faculdades e estas alavancas" [Étienne B. de Condillac, *Lógica ou Os Primeiros Desenvolvimentos da Arte de Pensar*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXVII), 1973, p. 69].

Aristóteles (384-322 a.C.) que definiu a Filosofia como sendo a "ciência da verdade",<sup>30</sup> revelou o seu comprometimento com a verdade, quando – segundo frase atribuída a ele –, disse: "Platão é amigo, mas a verdade é mais amiga ainda". É bom lembrar que Platão (427-347 a.C.) fora o seu mestre na Academia.

Deus nos criou para buscar a verdade; fazê-lo é ser fiel à vocação divina; por isso, fazemos da verdade o nosso ideal e compromisso: alcançar a verdade pela verdade e para vivê-la integralmente; a verdade deve estar relacionada ao conhecimento e à prática (1Tm 2.4; 2Tm 2.25; 3.7-8/2Jo 1-3; 3 Jo 3-4).<sup>31</sup>

Calvino (1509-1564) compreendeu bem este fato ao dizer que, "Visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus".<sup>32</sup> O nosso compromisso primeiro é com Deus: A Verdade Absoluta e Eterna. Desta forma, cabe a nós aplicar os princípios bíblicos a toda a realidade de forma coerente, piedosa e sincera.

Justino Mártir (c. 100-165), escrevendo por volta do ano 135 AD., entendia que a Filosofia era "efetivamente, e na realidade o maior dos bens, e o mais precioso perante Deus, ao qual ela nos conduz e recomenda. E santos, na verdade, são aqueles que à filosofia consagram sua inteligência".<sup>33</sup> Em outro lugar, declara: "A felicidade é a ciência do ser e do conhecimento da verdade, e a felicidade é a recompensa desta ciência e deste conhecimento".<sup>34</sup>

Mais tarde, Agostinho (354-430) revelaria o seu apego à Filosofia; contudo, observa que nem todos os chamados filósofos o são de fato, visto que o filósofo é aquele que ama a sabedoria. "Pois bem – argumenta Agostinho –, se a sabedoria é Deus, por quem foram feitas todas as coisas, como demonstraram a autori-

---

<sup>30</sup> Aristóteles, *Metafísica*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. IV), 1973, Ila 1, p. 239.

<sup>31</sup> "Para o cristão a verdade nunca é, somente, uma verdade intelectual; a verdade é sempre verdade moral; não se trata de uma coisa que só exercite a mente, senão de algo que põe em marcha toda a personalidade. A verdade não é o descobrimento de uma verdade abstrata; é uma maneira concreta de viver. Não só é pensamento, também é atividade" (William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, (I,II,III Juan y Judas), Buenos Aires: La Aurora, 1974, Vol. 15, p. 38).

<sup>32</sup> J. Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.12), p. 318. Em outro lugar, escreve Calvino: "Se reputamos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade mesma, onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus" (J. Calvino, *As Institutas*, II.2.15. A compreensão de Calvino assemelha-se à de Justino Mártir (c. 100-165): "... Tudo o que de bom foi dito por eles (filósofos), pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável." (Justino, *Segunda Apologia*, São Paulo: Paulus, 1995, XIII.4. p. 104).

<sup>33</sup> Justino, *Dialogue with Trypho*, 2. In: Alexander Roberts & James Donaldson, editors. *Ante-Nicene Fathers*, 2ª ed. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1995, Vol. I, p. 195.

<sup>34</sup> Justino, *Dialogue with Trypho*, 3. In: *Ibidem.*, p. 196.

dade divina e a verdade, o verdadeiro filósofo é aquele que ama a Deus".<sup>35</sup>

A felicidade está na Verdade. Jesus Cristo, a Verdade encarnada, nos conduz definitivamente a Ela, convidando-nos a Si mesmo (Jo 1.17; 14.6/Mt 11.28-30). Conhecer a Deus é conhecer definitivamente a Verdade. Que Deus por Sua inefável graça, nos capacite a conhecer e a viver a verdade, a fim de que a verdade viva em nós.

Se, como acentua Umberto Eco, "a dimensão ética começa quando entra em cena o outro",<sup>36</sup> saibamos que o Outro, Deus, confere sentido à nossa existência e a todas as nossas relações. O Outro não é totalmente Outro porque nós e todos os outros, fomos criados à Sua imagem e semelhança. A Ética cristã começa deste ponto: não há pessoas comuns;<sup>37</sup> o nosso comum é extraordinário: fomos sobrenaturalmente criados por Deus à sua imagem e semelhança.

Aproveitemos desta oportunidade para filosofar, viver e amar. Viver é conviver e conviver é amar. Bom Congresso a todos.

---

<sup>35</sup> Agostinho, *A Cidade de Deus*, 2ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1990, VIII.1.

<sup>36</sup> Umberto Eco. In: Umberto Eco & Carlo Maria Martini, *Em que crêem os que não crêem?* Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 83.

<sup>37</sup> "Não existe gente comum. Você nunca falou com um simples mortal. As nações, as culturas, as artes, as civilizações essas são mortais, e a vida delas está para a nossa como a vida de um mosquito. Mas é com criaturas imortais que brincamos, trabalhamos ou casamos, e a elas que desdenhamos, censuramos ou exploramos - horrores imortais ou esplendores perenes. (...) Depois da santa ceia, o nosso próximo é o objeto mais santo que se apresenta aos nossos sentidos" (C.S. Lewis, *Peso de Glória*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 23). "O simples homem sobre duas pernas, tal qual é, devia comover-nos mais do que nos comove qualquer música e impressionar-nos mais do que nos impressiona qualquer caricatura" (G.K. Chesterton, *Ortodoxia*, 5ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1974, p. 83).